

Dois Contos do Chthuluceno: e o que isso tem a ver com design?

Barbara Szaniecki¹

O design se constituiu como campo a partir de uma grande narrativa de que nasce na Revolução Industrial a partir do distanciamento dos modos artesanais e manufatureiros, participa dos movimentos de emancipação do homem moderno e chega aos dias de hoje sob múltiplas formas mas sempre democrático. Já outras grandes narrativas estão se delineando no horizonte: a de que o design deixou de focar no produto industrial e se abriu a serviços e a de que o design deixou de ser criação individual e se abriu a processos coletivos. Mas nem uma nem outra perspectiva abre, para além do Antropoceno e do Capituloceno, as ressurgências descritas por Donna Haraway. Seguindo sua perspectiva SF, isto é, de ficção científica e de fabulação especulativa, trago dois “Contos do Chthuluceno” para pensar e praticar *String Figures* como outras narrativas, outras formas de pensar e narrar... *String Figures* como outras visualidades, formas de projetar e representar... *String Figures* como responsabilidade com possíveis ressurgências

Os dois contos a seguir foram apresentados na 4ª edição do Seminário Entremeios cujo tema “Em tempos de turbulências” foi inspirado no ultimo livro de Donna Haraway, *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. O seminário é promovido pelo Laboratório de Design e Antropologia (LaDA) da Esdi/UERJ, em parceria com o Centro Carioca de Design. Os contos foram inspirados em dois experimentos de design: o primeiro foi durante o curso de extensão Mapa Praça Máquina realizado em 2016 numa parceria entre o Programa de Pós-graduação da Esdi/UERJ e a Plataforma de Emergência do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica. E o segundo foi durante a disciplina de projeto do 2º ano da graduação na Esdi/UERJ realizada em 2017.

Primeiro conto:

Dom Pedro, passantes e praceantes, e os pombos de Paris na Praça Tiradentes

Em 2016, Talita Tibola, Liana Ventura e Philippe Anastassakis e eu formulamos o curso de extensão MAPA-PRAÇA-MÁQUINA. Queríamos realizar alguns experimentos de “design com” em espaços públicos. A nós, juntaram-se quatro estudantes do PPDEsdi e mais uns

¹ Barbara Szaniecki é Professora Adjunta da Esdi/UERJ e participa da Universidade Nômade.

vinte e cinco “maquinantes” inscritos via CMAHO. O lugar escolhido foi a Praça Tiradentes no centro do Rio de Janeiro e, mais especificamente, numa área que passava por uma ampla revitalização urbana, com renovação do casario colonial, transformações institucionais e muito mais. O caso da Praça Tiradentes é particularmente interessante para analisar o momento atual e imaginar modos de viver na turbulência: lá, houve uma forte aposta na ocupação do espaço público por meio da retirada das grade e com a realização mensal do evento Tiradentes Cultural

Mas vamos à história que eu quero contar... As Olimpíadas haviam se encerrado. Já o mundo, só sei que parecia ter acabado. Atravessando a Praça Tiradentes em dias de sol forte, fortíssimo, eu literalmente sonhava com a queda do céu sobre minha cabeça, com muito trovão, pancada de chuva, mangueiras-medusas de água fresca. Era Outubro 2016 e o climão era de “the day after”. Do “Conto das Olimpíadas”, só sobraram as contas a pagar. Dos processos participativos que constituíram as bases da esquerda, só sobraram projetos megalomaniacos em parcerias público-privadas pra lá de problemáticas. Mas havíamos sobrevivido, estávamos todos ali.

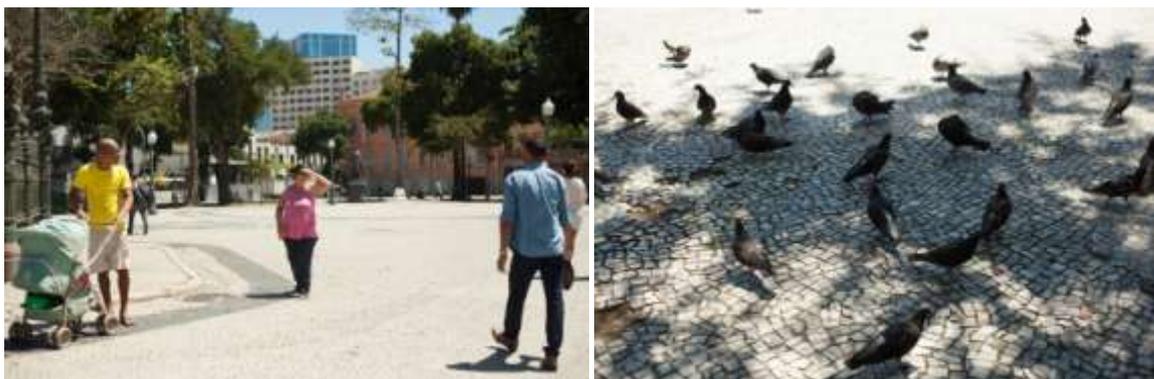
Dom Pedro I sequer havia piscado, sequer havia se mexido. Confortavelmente seguia, espada na mão, sentado sobre seu cavalo e sobre as alegorias dos “nossos” índios“, nossa “fauna e “nossos” rios e circundado pelas estátuas da Justiça, da Liberdade, da União e, acreditem, da Fidelidade. São tão numerosos quanto mentirosos os mitos da Nação. A eles sucederam as grandes narrativas do progresso. Na versão atual, chama-se “O Conto do Brasil Grande”. A todo momento, à esquerda e à direita, seres olímpicos os reproduzem. Onde estão os ctônicos? Passantes apressados para cá e para lá, passageiros impacientes à espera do ônibus, pessoas em situação de praça, profissionais do sexo trabalhando na raça. E também os bancos, projetados ou improvisados, fixos ou móveis, de cimento ou papelão, as árvores produtoras do bem mais escasso da parada – a sombra – e os pombos. Pombos, pombos, pombos importados diretamente de Paris...

E nós, ali, sempre ali, sob o sol escaldante, insistindo em elaborar camas de gato. *String figures*: “Quer conversar comigo?”... “Posso ajudar?” Em muitos momentos, diante de nossos mínimos artefatos, pensava na imensidão do território e na imensidão da tarefa. Na minha cabeça, ressoava a fala de um praceante, em *looping*: “o seu papelão é o meu colchão”... “o seu papelão é o meu colchão”. Busquei refúgio na obra Helio Oiticica, com

seus Parangolés e Penetráveis. Hélio buscava, no sensorial, um contraponto ao visual e sua razão. Dentre os Penetráveis, o mais conhecido é o Tropicália. Dentro dele, Hélio escreveu: “a pureza é um mito”. Numa conversa com ele, Donna respondeu: “e a simpoiética é uma *String Figure*: ficção científica, fabulação especulativa, feminismo especulativo, figuras de corda...

Menos conhecido que o Penetrável Tropicália é o Penetrável *Magic Square*. Enquanto os outros foram concebidos para o espaço institucional, o Praça Mágica (inspirador do nosso curso Mapa-Praça-Máquina) foi concebido para o espaço público. Que tal um Penetrável na Praça Tiradentes? “mais uma solução mágica?”, preocupei-me na medida que considero os meios tão importantes quanto os fins. A preocupação me levou ao trabalho de João Modé. Recentemente vi o seu *Land* (Terra) no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Imaginei esse Penetrável Terra na Praça Tiradentes numa vibe de processos pé no chão, projetos pé na terra, prenhes de reconexões e ressurgências harawayanas. Mas me lembrei também do Projeto Rede, também de João Modé. O “fazer redes” na praça, no parque, na praia, no ponto de ônibus... conversa muito com o “fazer recifes de corais” em crochê descrito por Donna. Não são pontos de chegadas, e sim potentes caminhos. Caminhos nem retos nem tortos, caminhos hiperbólicos. Hipérboles de hipérboles! Com as redes de João Modé e com os diagramas de Ricardo Basbaum nos aproximamos das práticas simpoiéticas de Donna Haraway. Sigo perguntando: e o que isso tem a ver com design?

Tais fazeres se transformam em dispositivos para conversar com os outros. E podem, claro, ser pensados como ferramentas voltadas para o design – o projeto viria depois da conversa – mas porque não pensá-los como projetos de design (em si)? Talvez um design de Ctônicos seja mesmo um projeto, ou melhor, uma prática mais relacionada ao fazer com o outro do que voltada a uma finalidade dada tal como dado pela definição moderna.







Imagens 1 a 7: curso de extensão Mapa-Praça-Máquina – LaDA/Esdi/UERJ
(<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/30947>)

Imagem 8: Penetrável Tropicália de Helio Oiticica

Imagem 9: Helio Oiticica: “a pureza é um mito.”

Imagem 10: Donna Haraway: “e a simpoiética é uma *String Figure*.”

Imagem 11: Penetrável Magic Square de Hélio Oiticica

Imagem 12: Land de João Modé

Imagem 13: Projeto Rede de João Modé

Imagem 14: Crochet Coral Reef: crochetcoralreef.org

Imagens 15 e 16: eu-você de Ricardo Basbaum (oficina realizada com o LaDA/Esdi/UERJ)

E assim, com essa idéia de um design mais relacionado ao outro, ou mesmo de um design com o outro do que a uma finalidade dada de acordo com sua definição moderna, chegamos a um segundo conto. Contudo, antes de prosseguir, gostaria de comentar a relação entre os minhas duas SF e as de Donna Haraway: para meu primeiro conto, com ênfase na questão da simpoiética, me baseei em seu relato do *Coral Reef Project*. Além da simpoiética, um dos conceitos de Donna que mais me inspiram foi o da respons-habilidade, ou seja, da habilidade em responder ou dar alguma resposta a alguém ou a alguma questão. Para o segundo conto, com ênfase na questão da respons-habilidade, me baseei na história dos indígenas navajo e suas ovelhas churro (é uma história mais diretamente política). Mais (ou menos) do que projetar, é preciso desenvolver uma respons-habilidade ou responder com habilidades que podem ser manuais, intelectuais, sensoriais... visuais.

Não pretendo contar toda a história, trago apenas algumas linhas. Donna apresenta a relação simbiótica entre indígenas Navajo e ovelhas Churro assim como a perseguição que sofreram por parte do Estado e do capital americanos. Mostra então como uma luta histórica dessa comunidade muito específica vai ganhando uma enorme amplitude, uma potente tentacularidade – nem micro nem macro. Ou micro e macro ao mesmo tempo – até chegar à contemporaneidade com indígenas e ativistas do mundo inteiro lutando por bens comuns: terra, ar, água. A história de Donna se situa na região chamada *Black Mesa* nos Estados Unidos mas podia ser aqui no Brasil. Água, água, água, água, água, água, água.

Segundo conto:

As hortaliças da Glicério, as três górgonas e a horda de regadores.

Essa SF começa na Esdi/UERJ numa disciplina híbrida de design de serviço e programação visual compartilhada com o professor Daniel Portugal e da qual participaram a pós-doutoranda Talita Tibola e os doutorandos Pedro Biz e o Diego Costa. Esses dois últimos fomentam o Espaços Verdes, isto é, o laboratório de design e agroecologia em torno da horta da Esdi. A turma de cerca quarenta alunos se dividiu em grupos e cada um dos grupos escolheu um parceiro para o desenvolvimento de um projeto de serviço. Os parceiros escolhidos foram: o próprio Espaços Verdes ali mesmo na Esdi; o Organicidade, coletivo focado na agricultura urbana e na prática permacultural situado na Lapa; e a horta da General Glicério, uma horta comunitária rua do bairro de Laranjeiras.

Numa noite de 1967, o céu caiu sobre o Rio de Janeiro. Uma casa e dois prédios inteiros desabaram na General Glicério causando cento e vinte mortes. Nos anos seguintes, o terreno permaneceu vazio como sinal de respeito. Alguns vizinhos, como lembrança dos mortos, ali plantaram algumas árvores.

Anos mais tarde, outros moradores, tomaram a iniciativa de uma horta. Manfred, um morador tentacular, diariamente se articulava com outros moradores, até que um belo dia se deparou com três poderosas Górgonas: Andrea Marroquin, Stephanie Gonçalves e Stephanie Lima. Agitadas, perguntavam tudo sobre a horta, tudo sobre o local, sobre as pessoas envolvidas direta ou indiretamente, sobre os “parceiros” e os “vizinhos”, sobre as relações entre essas pessoas, e sobre as diferentes perspectivas e expectativas com relação à horta.

Perguntavam sobre tudo, perguntavam como só seres ctônicos sabem perguntar. E muito rapidamente perceberam o enorme potencial da horta: moradores, feirantes, donos de restaurantes... todos desejam hortaliças frescas! Só faltava projetar o serviço! Mas nada daquilo seria possível sem que pudesse dar uma resposta, com habilidade, à falta de água na horta. Na realidade, nada daquilo seria possível sem que se pudesse gerar entre todos os vizinhos alguma percepções compartilhadas sobre o sentido daquele espaço. Fazia-se necessário promover uma respons-habilidade, uma habilidade em responder ao que se mostrava ao mesmo tempo como problema e como potencial: a água.

Nesta busca, as Górgonas perceberam os limites dos *Blue Prints* e *Business Model Canvas* e aventuraram-se pelas conexões abertas por inúmeras *String Figures*, enredando humanos e não humanos: desde um temido síndico até simpáticos regadores, que passaram a ser chamados de “Os Glicerinos”. Também perceberam que, embora sistemas tecnológicos de irrigação e serviços mercadológicos para as hortaliças aparecessem como importantes, as suas *String Figures* apontavam para algo que é simultaneamente muito menos e muito mais do que um “serviço”.

Em suma, do que se trata? Trata-se de estimular as pessoas a pegarem um glicerino – regadores da Horta da General Glicério, levá-lo para casa, enchê-lo da água de sua casa e levá-lo de volta à horta. Sempre que houver um tempinho, regar a horta e sinalizar que foi regada. Como elementos centrais desta conto – Conto do Chthuluceno – temos não apenas

a diversidade das pessoas envolvidas como também o regador, uma ferramenta um tanto anacrônica e, sobretudo, a água, que corre na natureza mas ali, naquela situação, depende de muitas mãos para chegar à horta. Outras “soluções” concorrem com esta: a possibilidade de levar à horta irrigadores modernos é uma delas mas o que se procurou aqui foram as ressurgências das relações entre humanos e não humanos no bairro.

Mão na mão na mão na mão: existe metáfora mais adequada para nossa existência neste mundo? Uma fragilidade sim, mas que faz a força de nossas conexões? Uma precariedade sim, mas que gera a habilidade de dar respostas? Uma responsabilidade enfim para aprender a ficar na turbulência de viver e morrer, num planeta tão danificado, num país tão mal cuidado. “*Learning to stay with the trouble of living and dying together on a damaged earth*” concluiria Donna.

Aqui encerramos nossos dois contos do Chthuluceno. Trata-se de duas *String Figures* ou fabulações especulativas... sem conclusão alguma. Tal como o conto Yanomami “a queda do céu” já dizia: o fim é um começo. Donna nos diz que o Chthuluceno é um presente de presentes, de *beginnings*. Fico feliz em não ter que concluir nada... a não ser voltar a apontar, com cautela, as relações possíveis com o design: design como prática simpoiética ou “design com” que implica a realização de camas-de-gato – visuais e textuais; design não necessariamente com uma finalidade dada, mas sim com responsabilidade entendida como uma habilidade de responder, de dar uma resposta... que pode ser uma forma singular de imaginar e projetar. Frente aos projetos e às imagens olímpicas, assumimos a responsabilidade de processos e fabulações ctônicas; e, por fim, um design tentacular, ou seja, para além das oposições micro *versus* macro ou local *versus* global: tentáculos desde a praça Tiradentes até as outras praças e espaços públicos da cidade passando ou não pelas instituições públicas do seu entorno ((Esdi/UERJ, Centro Carioca de Design e Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica); tentáculos desde a horta da General Glicério, passando pelos Espaços Verdes da Esdi/UERJ e pelo Organicidade da Lapa e chegando até comunidades como o Complexo da Penha onde a soberania alimentar a partir da agricultura urbana pode se beneficiar dos aportes do design e potencializar um design a serviço à vida em sua complexidade e não mero projeto de desenvolvimento.